

**DESENVOLVIMENTO RURAL-URBANO SUSTENTÁVEL: OPORTUNIDADES E DESAFIOS
PELA INTEGRAÇÃO LOCAL DE PRODUTORES DE ALIMENTOS RURAIS E O VAREJO
CORPORATIVO URBANO**

ALDO SIATKOWSKI

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE - UNICENTRO

JULIANE SACHSER ANGNES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

LUCIANO FERREIRA DE LIMA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO OESTE - UNICENTRO

DESENVOLVIMENTO RURAL-URBANO SUSTENTÁVEL: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PELA INTEGRAÇÃO LOCAL DE PRODUTORES DE ALIMENTOS RURAIS E O VAREJO CORPORATIVO URBANO

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o relatório *FAO framework for the Urban Food Agenda*, da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura [FAO] (2019), o mundo passa por um crescimento urbano sem precedentes, com mais da metade da população vivendo em áreas urbanas. O relatório considera, ainda, as previsões do aumento populacional de 2,5 bilhões de pessoas até 2050, o que criará uma colcha de retalhos de geografia irregulares com o surgimento de mega-cidades devido ao rápido crescimento, cidades menores, subúrbios, aldeias rurais e sertões.

Com esse processo de urbanização ocorrido nas últimas décadas, muitos países foram ou estão sendo confrontados com severos desequilíbrios entre o desenvolvimento urbano e rural, o que resulta em grave insustentabilidade (Ji, Ren & Ulgiati, 2019). Nesse cenário, conforme destaca Silva (2019), é preciso engajamento das cidades, porque é nelas onde cada vez mais pessoas vivem, comem e trabalham, afirmando que é preciso implantar compromissos globais localmente, acrescentando que a incorporação de comida e a alimentação nutritiva são componentes chaves do planejamento urbano e fundamental para alcançar o desenvolvimento sustentável.

Abramovay (2010) considera que, nas últimas décadas, o mundo foi capaz de produzir quantidade de alimentos suficientes às necessidades humanas, mas para que isso se mantenha, considerando o aumento populacional previsto até 2050, é indispensável que o próprio sistema alimentar mundial encontre novos caminhos, sem desconsiderar que nesse processo existam dois problemas que precisam ser destacados: o aquecimento global e a perda da biodiversidade.

O desenvolvimento urbano não pode mais ser tratado separadamente do desenvolvimento rural, sendo necessário que esses processos se reforcem mutuamente (Silva, 2019). O aumento da urbanização e da demanda por alimentos em todo o mundo acelera a necessária compreensão da magnitude e variabilidade das interações rurais-urbanas contemporâneas, visto que essas podem fornecer uma visão sobre a dinâmica futura do uso da terra (Boudet, MacDonald, Robinson & Samberg, 2020).

Ma, Liu, Fang, Che e Chen (2020) descrevem a área urbana como um sistema dinâmico e complexo, como uma grande área residencial formada por áreas não agrícolas, indústrias e a população não agrícola. Já a área rural é um lugar onde os trabalhadores estão principalmente envolvidos na produção agropecuária. Importante salientar que área urbana e rural são dois sistemas que dependem um do outro, se integram e complementam-se constituindo um todo, no entanto cada um dos sistemas pode desenvolver-se sustentavelmente promovendo e sendo promovido pelo desenvolvimento do outro.

Um dos caminhos para essa integração pode ser por meio do desenvolvimento e a valorização de pequenos produtores locais e a inserção destes no mercado formal com empresas constituídas formalmente para fornecimento de seus produtos para o varejo em sua região. Para Ribeiro, Jaime e Ventura (2017), está em curso um processo produtivo alimentar crescentemente globalizado e dominante, que conta com diversas e complexas ramificações e implicações sobre a sustentabilidade, a cultura, a sociedade, a economia e, mais importante, sobre a saúde e o bem-estar humano.

2. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

Para Blowfield (2013), consumo, renda crescente, preços voláteis e estresse hídrico são alguns dos aspectos que desafiam o desenvolvimento sustentável e afetam as empresas. O setor de varejo, onde estão inseridas as redes de supermercados, precisa estar atento a essas questões, pois ocupa posição única como mediador entre consumidores e produtores, impulsionando a eficiência ao longo da cadeia de suprimentos, o que é crucial para manter e melhorar os padrões de vida da sociedade.

A FAO (2019) aponta a importância das pequenas cidades e cidades de porte médio, que são concentradoras de 60% da demanda urbana de alimentos e têm papel crucial a desempenhar na obtenção do desenvolvimento sustentável e na melhoria da segurança alimentar e nutricional, tendo proximidade e estreita interação com áreas rurais como locais estratégicos para a criação de territórios rurais-urbanos sustentáveis, sendo possível fomentar sistemas alimentares resilientes, economicamente prósperos e integrados. De acordo Ma, Liu, Fang, Che e Chen (2020), as relações urbano-rural apresentam três eixos de tendências principais: orientada para o desenvolvimento urbano, orientada para desenvolvimento rural e orientada para o desenvolvimento interativo urbano-rural, que é o fenômeno abordado nesse estudo. Para enfrentar esses desafios graves como diferenças econômicas, sociais e destruição do meio ambiente, novos modos de cooperação rural-urbano devem ser desenvolvidos (Ji, Ren & Ulgiati, 2019).

Nesse contexto, por meio de uma proposta qualitativa, esse estudo tem como objetivo principal contribuir com discussões sobre formas de compreender as oportunidades e desafios da integração rural-urbana **a partir da análise da percepção de produtores de alimentos locais que fornecem para varejos da sua própria região, os impactos da produção e fornecimento destes alimentos, as oportunidades e os desafios em relação ao desenvolvimento local sustentável e a importância da integração rural-urbana.**

Ao longo dos últimos cinquenta anos, o sistema de produção intensiva de alimentos desenvolvido no mundo ocidental foi bem-sucedido no aumento da quantidade e redução dos preços, porém esse sistema é baseado na criação de grandes unidades produtivas dependentes de altos investimentos em capital e recursos, e tem em seu sistema consequências econômicas, sociais e ambientais negativas que se multiplicaram, como por exemplo, os efeitos sobre a saúde dos animais, seres humanos e clima, evidenciando que este sistema intensivo é insustentável (Panetta, Nascimento & Nascimento, 2018). Uma vez que a cadeia de produção de alimentos é cada vez mais globalizada, a produção intensiva de alimentos é uma ameaça para bilhões de pequenos produtores do mundo todo que não podem pagar os custos desta intensificação.

Assim, esse trabalho se justifica devido à necessidade de desenvolver uma estrutura para abordar a Agenda Urbana dos Alimentos, baseando-se na abordagem de complexos processos sociais, econômicos, ambientais, políticos e culturais interconectados que moldarão as geografias e suas implicações para os sistemas alimentares. Além disso, demonstra que pequenos produtores podem ser parte importante no processo sustentável de fornecimento de alimentos para a sociedade.

Abramovay (2010) relata que as grandes indústrias agroalimentares mobilizam uma extraordinária máquina de poder e propaganda para difundir estilos de vida e formas de consumo insustentáveis e cada vez menos capazes de propiciar verdadeiramente bem-estar para os indivíduos. Por outro lado, movimentos sociais contemporâneos organizam-se em torno justamente da importância de se transformar a sociedade a partir de alterações nos padrões e no próprio sentido que o consumo representa na vida das pessoas. Dito isso, essa pesquisa se

apresenta com o seguinte problema: **É possível realizar uma relação urbana-rural sustentável integrando pequenos produtores locais e o varejo corporativo?**

Para responder ao objetivo geral e ao problema de pesquisa são apresentados os seguintes objetivos específicos desta pesquisa, a saber: a) analisar os impactos da integração rural-urbana sobre o desenvolvimento sustentável ambiental, social e econômico a partir da visão dos produtores locais de alimentos e do varejo; b) analisar por meio da visão dos produtores locais, as oportunidades e desafios do fornecimento para o varejo, para os consumidores e para os próprios produtores; e, c) analisar com base nos dados levantados junto a uma rede varejista a importância dos produtores locais no fornecimento de produtos para revenda aos consumidores finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Integração Urbana-Rural Sustentável

Estudo realizado por Li, Westlund e Liu (2019) apontou que é pelas interações entre as áreas rurais e o ambiente externo que as comunidades rurais crescem, diminuem ou mesmo desaparecem, enfatizando a necessidade de se melhorar a capacidade de resiliência das comunidades rurais por meio do ajuste de sua função e estrutura dos componentes internos para sobreviver às mudanças externas. Os referidos autores concluíram, a partir de seu estudo, que áreas rurais com certa densidade e conectividade com áreas urbanas têm maiores potenciais para utilizar a base de conhecimento e os mercados urbanos, o que faz com que o desenvolvimento rural rejuvenesça.

A relação urbana-rural está relacionada aos ganhos que a acessibilidade aos mercados pode trazer, sendo útil examinar as relações espaciais entre produtos agrícolas rurais sistemas de produção e cidades, pois os mercados podem afetar as decisões sobre investimento e produção agrícola (Boudet, MacDonald, Robinson & Samberg, 2020). Produtores agropecuários perto de mercados urbanos podem comprar insumos agrícolas mais facilmente e acessar serviços como crédito e seguro e comercializar seus produtos, o que pode levar ao aumento da produtividade agrícola e especialização.

Para Ye e Liu (2020), a implementação dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) e o aumento das discussões sobre mudanças climáticas também destacou mais a importância de compreender as interdependentes e entrelaçadas conexões rurais-urbanas. Os autores descrevem que, nas últimas décadas, houve um crescimento rápido no número de pessoas rurais que se deslocam para as cidades, assim como da população urbana viajando, investindo e se aposentando no campo, o que também promove a complementaridade entre áreas rurais e urbanas, considerando essa conexão como um todo e não separadamente, sendo essencial e necessário.

Como destacam Nunes, Rosa e Moraes (2015), o conceito de sustentabilidade se consolida a partir da incorporação de uma profunda e transformadora reflexão sobre as dinâmicas que a produção dos espaços urbanos gera, sendo que a sustentabilidade urbana permeia, também, discussões sobre o clima e meio ambiente, considerando-se que quanto mais as cidades crescem e se desenvolvem nos padrões de urbanização que o mundo adotou depois da Revolução Industrial, grandes são os impactos daí decorrentes, figurando o grande dilema que países que vivem com o intenso ciclo de crescimento econômico e urbano enfrentam.

2.2. Produção e Comercialização de Alimentos por meio da integração Urbana-Rural

A globalização trouxe predominância e maior concentração de esforços de desenvolvimento dos negócios de alta tecnologia, geralmente centralizadas nas grandes metrópoles devido às melhores condições de infraestrutura, concentração de capital e atrativo para novos empreendimentos. Portanto, as políticas deveriam incentivar atividades que demonstrem boas perspectivas nas particularidades locais e assim contribuam para a descentralização das atividades econômicas, bem como a redução da concentração excessiva em áreas metropolitanas (Faver, 2009).

Já o desenvolvimento nas áreas rurais consiste tanto nos conteúdos materiais e imateriais, sendo que o conteúdo material indica o que se pode ver, como espaço físico, características geográficas, população e dotações de recursos, enquanto o imaterial inclui coisas intangíveis, como relacionamentos pessoais, valores, atitudes, cultura e instituições, concluindo, assim, que as comunidades rurais nunca foram sociedades separadas e independentes, mas sim, com fortes ligações às áreas urbanas (Li, Westlund & Liu, 2019).

Nesse sentido, Li, Westlund e Liu (2019), apontam três condições para o desenvolvimento rural sustentável, sendo: a necessidade do desenvolvimento de novas formas de atividades econômicas que podem responder à demanda urbana potencial; o empreendedorismo local que pode estabelecer e expandir essas novas atividades; e o desenvolvimento de capital social que pode apoiar o empreendedorismo em novas atividades com acesso a crédito, trabalho, humano capital, mercados externos e conhecimento externo para aprendizagem e inovação.

Para a FAO (2019), o acesso a alimentos nutritivos nas cidades, citando, por exemplo, frutas, legumes e produtos da pesca frescos, tem características de alta desigualdade espacial e socioeconômica, evidenciadas pela expansão dos desertos alimentares, que compõe privação e exclusão social especialmente em áreas de baixo poder aquisitivo, onde o acesso é frequentemente limitado pela distância física entre áreas de produção de alimentos e consumidores, indisponibilidade de opções de transporte, preços voláteis de alimentos, concentração de energia no comércio global de alimentos, choques climáticos e, especialmente, em caso de crises e do mau funcionamento de redes de segurança para residentes urbanos de baixa renda.

Pensar na produção local para fornecimento de alimentos de forma profissionalizada para varejos de sua região buscando o desenvolvimento sustentável vai ao encontro do que a FAO (2019) chama atenção para a importância das (re) conexões, (des) localizações e (in) justiça que podem ser implantadas através de práticas institucionais e de governança com a ação participativa.

Ribeiro *et al.* (2017) citam que os alimentos envolvem muito mais que o ato de comer e a disponibilidade de alimentos, destacando toda a cadeia de produção que se inicia no campo ou na preparação de insumos, passando por ciclos, do plantio à colheita, em que elementos da natureza têm um papel crucial e que vêm sendo, cada vez mais, envolvidos por questões tecnológicas, financeiras e sociais. Nas etapas produtivas do campo, as inter-relações com a sustentabilidade parecem claras, contudo, nas etapas posteriores, até que os alimentos cheguem à mesa e o descarte das sobras, ainda envolvem questões complexas que são abarcadas por várias áreas de conhecimento que precisam ser continuamente desenvolvidas.

As pequenas empresas muitas vezes enfrentam desafios diferentes das grandes empresas quando se aborda sobre melhorias de seu desempenho social e ambiental. Isso ocorre, geralmente, devido à falta de recursos e de informações, o que leva a incerteza sobre os potenciais benefícios de se engajar em práticas de gestão social e ambiental. Ainda,

complementa que o ceticismo cultural entre empresas de pequeno porte, com incentivos econômicos insuficientes e quadros legislativos pouco claros, tornam difíceis para os pequenos empresários as decisões sobre quais questões de gestão social e ambiental estes devem priorizar (Hillary, 2004).

Savitz e Weber (2013) descrevem que uma empresa sustentável é aquela que gera lucro para seus acionistas enquanto protege o meio ambiente e melhora a vida daqueles como os quais interage, e acrescenta a importância de como as empresas podem encontrar maneiras de transformar os desafios ambientais e sociais, em oportunidades de negócios.

Para Blowfield (2013), negócios são elementos importantes para enfrentar o desafio de sustentabilidade do mundo, mas a natureza dos desafios significa que o pensamento empresarial convencional não tem a garantia de funcionar, podendo até aumentar o risco do negócio. A iniciativa privada é vivamente elogiada como uma solução para algumas dificuldades da sociedade em alcançar a sustentabilidade, e culpada como a geradora de outras. Mas independentemente de o negócio ser considerado um salvador ou um pecador, a maior parte do que as empresas estão fazendo sob um guarda-chuva de sustentabilidade está conectada à inovação e eficiência. Isso está de acordo com ideias estabelecidas sobre estratégia corporativa, mas apesar de muitos exemplos de empresas individuais incorporando sustentabilidade em seu pensamento estratégico, não é óbvio se isso ajudará a alcançar os tipos de transformação que a sustentabilidade parece exigir.

3. METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como explicativo, no intuito de conectar ideias e fatores identificados para compreender as causas e efeitos do fenômeno rural-urbano sustentável. A abordagem utilizada foi a qualitativa, e buscou contribuir com discussões sobre formas de compreender as oportunidades e desafios da integração rural-urbana sustentável. Para Martins (2016), a pesquisa qualitativa é feita com um mergulho na vida do grupo e em culturas às quais o pesquisador não pertence, exigindo aproximação baseada na simpatia, confiança, afeto, amizade e empatia, fazendo com que o pesquisado se disponha a falar sobre sua vida e dê liberdade de observação.

A pesquisa se classifica como um estudo multicase, considerando que para levantamento dos dados foram pesquisados três fornecedores de alimentos destinados ao consumo humano, que fornecessem seus produtos a uma rede local de supermercados, de maneira formal, muitas vezes competindo com grandes empresas do segmento. Também foi pesquisada uma rede regional de supermercados que compra estes produtos e vende aos consumidores finais, para compreensão do lado comprador. A escolha dos produtores locais entrevistados foi realizada por conveniência por fornecerem à rede varejista pesquisada. Como descreve Godoy (2010), os estudos de caso se constituem em modalidade de pesquisa indicada ao desejo de se capturar e entender a dinâmica das organizações em relação a suas atividades formais, mas também em relação às ações informais, secretas e algumas vezes ilícitas, procurando responder questões sobre processos de por que e como as coisas acontecem, assim como compreender, descrever e interpretar o que acontece em determinada situação.

Nesse contexto optou-se em realizar entrevistas semiestruturadas e observação não participante com três fornecedores de pequeno porte, diretamente com os produtores, na região centro sul do Paraná, e também com o responsável pelas compras da rede varejista. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados, cujas identidades serão preservadas e serão denominados nessa pesquisa com as letras de “A”, “B” e “C” para designação dos produtores locais e com a letra “D” para responsável da rede de supermercados, pela compra dos produtos

do segmento adquiridos dos fornecedores entrevistados. As gravações foram utilizadas para transcrição das entrevistas visando melhor análise do conteúdo das falas. As principais características dos entrevistados são apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1

Características e perfil dos entrevistados

Entrevistado/ Produtor	Características	Tempo na Atividade
A	Trabalha de forma individual como produtor formal, produzindo e comercializando seus produtos nos supermercados locais. Todo o trabalho é realizado por ele e sua esposa que moram na propriedade onde é feita a produção com auxílio eventual de diaristas contratados. Produz alface, couve-flor e brócolis diretamente no solo a céu aberto. Têm dois filhos que cursam universidade em outra cidade e cujos cursos não estão ligados ao sistema produtivo que gera renda para a família.	25 anos
B	Trabalha de forma individual como produtor formal, produzindo e comercializando seus produtos nos supermercados locais. Todo o trabalho é realizado por ele, sua esposa e um dos filhos na propriedade onde é feita a produção com auxílio eventual de diaristas contratados. Trabalha com sistema de hidroponia no modelo atual de produção produzindo alface, alface americana, rúcula e agrião e tem parte da produção em estufas e parte a céu aberto. Têm quatro filhos, sendo que um deles cursa Agronomia.	22 anos
C	Trabalha de forma individual como produtor formal produzindo e comercializando seus produtos nos supermercados locais. Todo o trabalho é realizado por ele e a esposa na propriedade onde é feita a produção. Produz couve, salsinha, cebolinha picadas e embaladas e também alface e brócolis. Têm dois filhos que são técnicos agrícolas e não trabalham na propriedade rural.	15 anos
D	Trabalha como responsável por todas as compras de frutas, verduras e legumes (FLV) de uma rede regional de supermercados que compra para comercialização a consumidores finais, os produtos fornecidos pelos entrevistados “A”, “B”, “C”, e também de fornecedores externos a região.	7 anos

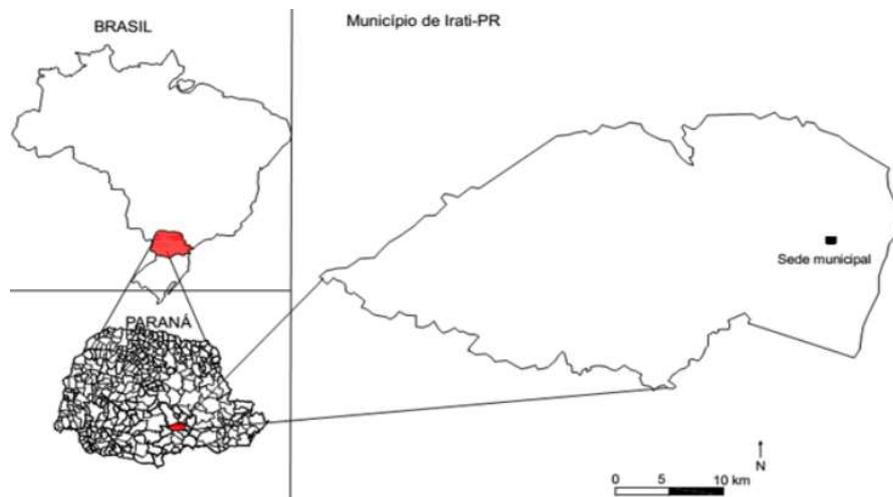
Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

A utilização de entrevistas semiestruturadas permite que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam melhor expressos, uma vez que a entrevista se dá com planejamento relativamente aberto (Flick, 2004). A pesquisa também foi analisada por meio da observação não participante, para relatos e interpretação dos dados. Essa interpretação contribuiu para avaliar o desenvolvimento econômico, social e ambiental em relação à temática abordada. Segundo Marconi e Lakatos (2011), a observação é uma técnica de coleta de dados para obter informações sobre a realidade.

O estudo foi realizado na cidade de Irati, cidade com população estimada em 60.727 habitantes, de acordo com a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2020), e está localizada na região sudeste do estado do Paraná (Figura 1). A cidade conta com 79,94% da sua população vivendo na área urbana e 20,06% na área rural, de acordo com o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social [IPARDES] (2020), todavia como pode ser percebido na Figura 2, a área urbana é relativamente pequena em relação ao total do município.

Figura 1

Localização Geográfica do local do estudo



Fonte: Antoneli & Bednarz (2010)

Figura 2

Mapa do município de Irati e sua concentração urbana



Fonte: Google Maps. Google (2020)

Para análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2004), por meio de categorias que foram desenvolvidas com base nos dados coletados buscando responder os objetivos específicos da pesquisa conforme o Quadro 2. Para Bardin (2004), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações com utilização de procedimentos sistemáticos, objetivando a descrição de conteúdo das mensagens, e correlacionando estas com a teoria da capacidade absorptiva apresentada, e fazendo com isso a triangulação das informações.

Quadro 2

Objetivos específicos e categorias analisadas

Objetivo Específico	Categorias
a) Analisar os impactos da integração rural-urbana sobre o desenvolvimento sustentável ambiental, social e econômico a partir da visão dos produtores locais de alimentos e do varejo	4.1 Relação Ambiental no Desenvolvimento Rural-Urbano; 4.2 Relação Social no Desenvolvimento Rural-Urbano; 4.3 Relação Econômica no Desenvolvimento Rural-Urbano;
b) Analisar por meio da visão dos produtores locais, as oportunidades e desafios do fornecimento para o varejo, para os consumidores e para os próprios produtores	4.4 Relação de Mercado no Desenvolvimento Rural-Urbano; 4.5 Relação formal Corporativa para o Desenvolvimento Rural-Urbano ;
c) Analisar com base na análise dos dados levantados junto a uma rede varejista a importância dos produtores locais no fornecimento de produtos para revenda aos consumidores finais	4.6 Importância da Integração Rural-Urbana para o Varejo;

Fonte: Elaborado pelos autores (2020)

4. DISCUSSÃO

A apresentação e discussão dos resultados estão divididas em categorias analisadas. A primeira apresenta a relação ambiental no desenvolvimento rural-urbano. A segunda apresenta a relação social; a terceira categoria apresenta a relação econômica e a quarta categoria apresenta a relação de mercado no desenvolvimento rural-urbano. A quinta categoria apresenta relação formal corporativa para o desenvolvimento rural-urbano e, por fim, a sexta categoria apresenta a importância da integração rural-urbana para o varejo.

4.1. Relação Ambiental no Desenvolvimento Rural-Urbano

Considerando o tempo de experiência de todos os entrevistados e da análise das entrevistas, pode-se afirmar que as mudanças climáticas ao longo dos anos de produção têm afetado o sistema produtivo de alimentos dos produtores locais, diretamente pelas intempéries climáticas que afetam as próprias produções, ou indiretamente pelas variações de calor, chuva e disponibilidade de água em outros locais que geram alterações de quantidade e qualidade do setor de FLV disponibilizado para venda no varejo. Esses aspectos interferem nas demandas e nos preços de vendas dos produtos do segmento, que fazem os consumidores migrarem de consumo no seu *mix* de produtos, afetando, assim, a estabilidade de produção e comercialização local.

O entrevistado "A" narra que têm ocorrido mudanças climáticas que afetam diretamente sua produção, principalmente relacionado ao calor que tem sido mais intenso, ao longo dos vinte e cinco anos de produção. Corroborando com a mesma visão, o produtor "B" também frisa que ao longo de todos os anos de trabalho na produção de alimentos, tem visto mudanças no clima dando vários exemplos de alterações de clima nas estações do ano, com menos chuvas, mais calor e chuvas de granizo, que impactam diretamente o seu sistema produtivo, relacionando esta acentuação de eventos climáticos principalmente ao desmatamento.

O produtor "A" expõe de forma clara que sua geração ainda não terá dificuldades de recursos naturais, mas as próximas gerações serão bastante afetadas pelas atividades realizadas no presente. Importante ponto de destaque às mudanças climáticas está na relação do clima com

produção de determinados produtos descritos pelo produtor “B”, que relata que atualmente já existe oscilação de quantidade de produção de determinados produtos, que os consumidores às vezes nem percebem ou percebem somente quando reflete na variação de preços. Assim, pode-se concluir que a produção local de alimentos tem sido afetada diretamente por mudanças e variações climáticas.

Para o representante do varejo, eventos climáticos extremos têm gerado perdas nas produções dos fornecedores e tem ocorrido com maior frequência, citando as chuvas de granizos e temperaturas excessivas de longo prazo que interferem diretamente na produção e qualidade dos produtos entregues ao supermercado gerando, assim, oscilação na oferta de produtos aos clientes. Na visão do varejo as variações externas de oferta interferem diretamente no consumo local.

Os produtores entrevistados têm a visão de que por suas produções serem pequenas, não recebem interferências diretas das mudanças climáticas e que o problema está relacionado aos grandes produtores, sendo citado como principal causa os desmatamentos. O entrevistado “A” exemplificou com os próprios vizinhos que são grandes produtores de grãos, e aplicam defensivos notadamente em horários que não deveriam, afetando sua produção. Esse problema é também evidenciado pelo produtor “B”, mas em menor intensidade que o entrevistado “A”, por estar em local mais isolado de grandes produtores.

Outro destaque ambiental dado pelos entrevistados “A” “B” e “C” é a relação de cuidado com a água, que, segundo as entrevistas, está diminuindo. O entrevistado “A” exemplificou o fato de seu próprio poço estar com falta de água nos últimos anos. Para o produtor “B”, a escassez de água é causada pelo desmatamento, dando exemplos das várias alterações de disponibilidade de água ocorridas ao longo dos anos. O entrevistado “C” comparou a disponibilidade de água atual em relação ao passado, quando ainda era criança, lembrando que a disponibilidade natural era bastante maior. Os produtos não vendidos pelo produtor “A” são reutilizados como adubo orgânico para o replantio. Foi enfatizado pelo produtor “B” os impactos que a variação climática causa na qualidade de seus produtos, visto que dificultam o controle de um padrão constante de qualidade.

O entrevistado “D”, representante do varejo, também expõe o problema do uso da água, mencionando que regiões produtoras de alguns produtos comercializados pelo varejo vêm tendo dificuldades de produção de alguns itens tradicionais de sua região pela escassez de água, o que afeta diretamente a oferta e preços dos produtos. Essa preocupação, segundo o entrevistado, precisa estar presente na produção local para que não venha a sofrer com o mesmo problema.

Assim, as mudanças climáticas aparecem como um fenômeno importante, que desafiam diretamente os fluxos das relações de desenvolvimento rural-urbano, sendo necessária maior atenção em como essas interferências podem ser superadas.

4.2. Relação Social no Desenvolvimento Rural-Urbano

Nas relações sociais foram abordados temas como a possibilidade de falta de alimentos para consumo urbano em relação ao aumento demográfico e urbanização, previstos para as próximas décadas, o que impactaria diretamente a sociedade local e mundial. Todos os entrevistados não acreditam que haverá falta geral de alimentos no mundo, mesmo com a expansão demográfica estatisticamente comprovada, porém apresentaram uma concordância sobre oscilação de disponibilidade de alguns itens que afetará a oferta e, conseqüentemente, terá impactos econômicos importantes. Nesse sentido, o entrevistado “B” mostrou uma visão interessante sobre a falta de alimentos, acreditando que não haverá falta de forma geral, mas ocorrerá

oscilação e falta de alguns produtos em determinadas épocas e regiões, — visto que isso já acontece atualmente —, salientando a riqueza de recursos naturais que o Brasil detém ainda para produção de alimentos.

O avanço tecnológico para aumento da produtividade de alimentos foi destacado pelo entrevistado “C” e “A”, sendo que esse último não acredita que falte alimentos no mundo nas próximas décadas, mas deixa claro que as perdas e desperdícios são bastante grandes, enfatizando que a maior parte dos alimentos são bastante manuseados do processo de produção até que chegue no consumidor final, além de descrever que percebe, durante as entregas nos supermercados que atende, que essa perda pode chegar em até 30%. O entrevistado “D” também não acredita que faltará alimentos no mundo, mas mostrou-se preocupado com a escassez de água e seu impacto no abastecimento futuro, uma vez que a produção do segmento está diretamente ligada a disponibilidade de água. O entrevistado “A” também comentou sobre o impacto social de sua atividade com a geração de trabalho para diaristas que eventualmente são necessários para auxiliar em seu sistema produtivo, gerando renda no local.

Outro ponto de relevância social foi apontado pelo entrevistado “C”, que ressaltou aspecto interessante ao dizer que o sistema produtivo rural pesquisado terá dificuldade de continuar com as novas gerações, exemplificando com vizinhos e com os próprios filhos que, mesmo formados como técnicos agrícolas, decidiram trabalhar em empresas externas e que dificilmente vê novas gerações trabalhando nas propriedades rurais. Esse ponto também pode ser percebido com os produtores “A”, em que os dois filhos estão estudando outras áreas de formação, e com o produtor “B” que apenas um dos quatro filhos auxilia no processo produtivo.

Além disso, durante o estudo foram realizadas indagações sobre aspectos relacionando as diferenças e interesses da produção individual, foco do estudo em contraponto às visões sobre as produções associativistas e cooperativistas. Todos os entrevistados, apesar dos produtores trabalharem de forma individual, têm uma visão de que o trabalho coletivo em formas de associação ou cooperativa poderia apresentar vantagens desde que bem coordenados, mas que não veem essa possibilidade em curto prazo, destacando a falta de liderança e desenvolvimento de um modelo que beneficie e não traga desvantagens em comparação ao modelo individual de produção. Nesse sentido, o entrevistado “A” destaca que poderia ter vantagens porque os produtores poderiam produzir produtos diferentes, todavia salienta que já tentou isso no passado pela dificuldade de entendimento da organização financeira e do excesso de trabalho organizacional, atrapalhando o restante da sua produção. Ele afirma que, atualmente, o trabalho individual está melhor graças à liberdade de gestão, o que já apresenta resultados devido a aquisição de equipamentos próprios.

Já para o entrevistado “B”, aspectos culturais da região influenciam na dificuldade de associação, destacando que nas reuniões que participou sobre o tema prevaleceu aspectos de oportunismo individual no lugar de uma visão mais conjunta. Esse mesmo entrevistado ressaltou, ainda, que o mercado local é um mercado pequeno, e a mesma preocupação foi enfatizada pelo produtor “C”. Ambos comentam que se houvessem muito produtores produzindo os mesmos produtos, a oferta reduziria os preços, deixando o negócio inviável economicamente, no entanto, destacam que se fosse um processo bem organizado, os produtos não ficariam limitados à venda em mercados locais.

O produtor “B” descreveu, ainda, que há uma variação de visão sobre investimentos em melhorias, complementando que há pouco investimento no segmento que atua e que individualmente se sente mais confortável em fazer seus próprios investimentos, mostrando uma visão parecida com a do produtor “A” que em um sistema associativista/cooperativista poderia ser melhor, mas que na situação atual e por experiências passadas, é melhor produzir de forma individualizada.

Com isso, identificou-se a necessidade de desenvolvimento dos arranjos produtivos locais, com a conscientização e formação mais ampla dos produtores para que os benefícios sociais do desenvolvimento rural-urbano possam ser melhores aproveitados.

4.3. Relação Econômica no Desenvolvimento Rural-Urbano

Todos os pequenos produtores que fornecem formalmente a varejistas se mostraram satisfeitos com os resultados econômicos e financeiros obtidos em seus sistemas produtivos e de comercialização dentro do modelo que atuam, com destaque para uma estabilidade de fornecimento e preços que não sofre grandes oscilações. Nesse cenário, é importante salientar que os resultados têm características de relação principalmente pela limitação de terras, estrutura de mão de obra familiar e baixo investimento necessário.

O produtor “C” descreveu que migrou há, aproximadamente, quinze anos da produção de culturas temporárias de commodities para culturas de verduras e hortaliças para abastecimento de supermercados e restaurantes. As baixas perdas também merecem destaque nesse modelo de produção e comercialização, como descrito pelo produtor “B”, que disse ter uma programação de produção visando não ter perdas, sendo que as poucas perdas estão relacionadas à pequena oscilação de consumo.

Os produtores “A” e “C” dizem que não tiram férias, mas mostraram-se felizes por estarem vivendo bem com seu negócio. Todos os produtores também se mostraram satisfeitos com seus resultados, pretendendo manter-se na mesma atividade nos próximos anos. O produtor “B” acredita que o filho que está estudando Agronomia irá trazer melhorias para seu sistema produtivo nos próximos anos, associando ciência à produção. Também enfatizou que acredita em uma manutenção da situação atual, mas que não haverá grandes melhorias no médio prazo.

Nesse contexto, pode-se afirmar que os benefícios econômicos trazidos pela integração rural-urbana, podem trazer um desenvolvimento economicamente sustentável aos pequenos produtores rurais, com estabilização de renda, e com possibilidade de avanços nos sistemas de produção e abastecimento urbano.

4.4. Relação de Mercado no Desenvolvimento Rural-Urbano

Não há um consenso entre os produtores sobre a capacidade e a necessidade de aumento de produção e consumo no futuro, oscilando entre questões sobre o tamanho das propriedades — uma vez que todos são pequenos produtores —, e a visão de tamanho do mercado consumidor. O entrevistado “A” expõe que teria capacidade de aumentar a produtividade se tivesse espaço, no entanto, sua produção está limitada ao espaço territorial que tem. Já o produtor “B” enfatiza que teria a capacidade de aumento de produção, mas se vê limitado pelo tamanho do mercado consumidor, salientando, ainda, que no mercado em que atual, não pode ter ambição de ser um grande produtor pois o mercado local não absorveria um grande aumento de produção. Para o entrevistado “C”, nos últimos cinco anos houve um grande aumento de consumo de seus produtos e, mesmo destacando que sua propriedade é pequena, tem a pretensão de aumentar sua produção se o mercado absorver. Essas visões ainda se diferem do entrevistado “D”, representante da rede varejista, que fala que poderia comprar vários outros itens de produtores locais, desde que o abastecimento fosse contínuo e com padrão de qualidade constante. Assim, pode concluir que existe *share* de mercado para incremento da produção local para abastecimento aos varejistas.

O produtor “B” ressalta, ainda, os avanços das inovações com materiais de melhor qualidade, além do desenvolvimento genético e biológico ocorrido nos últimos anos, mencionando que apesar de estarem mais acessíveis nos últimos anos, os investimentos ainda têm tempo

demorado retorno, o que impacta diretamente nas decisões de investimentos em inovações. Complementa que faltam incentivos governamentais para facilitação de acesso à inovação, apresentando uma visão importante sobre a necessidade das inovações.

O produtor “B” não acredita que seja possível o abastecimento total de FLV por produtores locais, pois os supermercados não querem ficar na dependência de fornecedores únicos para não correrem risco de desabastecimento. Essa visão também ficou evidente na fala do entrevistado “E” que é o representante do supermercado que procura manter nos produtos comprados localmente ao menos dois fornecedores contínuos, temendo que variações quantitativas de fornecimento afetem as vendas do varejo.

Os entrevistados “A” e “C” concordam que conseguem ser competitivos no mercado, que atuam não sofrendo concorrência exacerbada com grandes produtores, destacando como ponto positivo o acesso direto que tem aos supermercados, sem intermediários. Que os preços de seus produtos são mais estáveis se comprado de fornecedores externos. Já o produtor “B” evidencia que existe concorrência com grandes produtores externos, mas salienta que em sua visão, os supermercados precisam pensar nos produtores locais como fornecedores de longo prazo que garantem uma estabilidade de abastecimento. O entrevistado “C” também enfatiza que possuem vantagem em relação à concorrência, pela estabilidade e padrão de abastecimento que outros concorrentes não têm. Já o produtor “B” descreve que possui vantagem competitiva em relação a fornecedores externos a região, em relação à qualidade de seus produtos e, principalmente, logística das entregas diárias.

O entrevistado “A” apresenta como uma grande vantagem a sua logística e proximidade da produção com o mercado consumidor, destacando que seus produtos têm um índice de perdas muito próximo de zero, pois como entrega diariamente, existe rapidez de entrega, baixo manuseio em relação a fornecedores externos, além da previsibilidade de vendas e necessidade de estocagem pelos supermercados serem bastante reduzidos. Por estar presente todos os dias nas lojas, o produtor auxilia a operação do supermercado no acompanhamento das vendas e estoques.

Para todos os produtores não existe o reconhecimento e valorização pelos consumidores dos produtos em relação às características da produção com o desenvolvimento local, existindo um reconhecimento maior pela qualidade e frescor dos produtos comprados. O entrevistado “C” que processa os produtos, descreveu, ainda, o aumento do interesse dos consumidores por produtos frescos e mais processados (picados) como uma vantagem competitiva de grande aceitação pelos consumidores.

Os produtores “A” e “B” não têm embalagens com indicação de produção local e não veem isso como uma vantagem competitiva. O produtor “A” narrou que não acredita que haverá valorização por parte dos consumidores em curto prazo em relação à produção ser local ou não, salientando que a grande valorização está mais relacionada a lei da oferta e procura para determinação do consumo, visto que o consumidor valoriza mais o preço que a qualidade dos produtos, na sua opinião. Importante ponto destacado pelo produtor “A” é que grande parte dos consumidores desperdiçam alimentos por desconhecerem os detalhes do processo produtivo, destacando que grande parte do desperdício no varejo está relacionado ao manuseio dos consumidores que “apertam”. O produtor “B” expõe que seu negócio é afetado diretamente pela variação da produção externa ao seu local, mesmo ele conseguindo produzir de forma constante, a oferta de outros produtos do segmento de Frutas, Verduras e Legumes (FLV) impactam diretamente no consumo dos seus produtos, pois há uma oscilação de oferta e, conseqüentemente, de preços, que fazem com que os consumidores migrem de um produto para outro causando uma oscilação de demanda dos seus produtos em certos períodos, podendo gerar perdas. Assim, a qualidade dos produtos mostrou-se como fator principal de destaque na visão

dos produtores para o consumidor do segmento, parecendo o preço estar em segundo plano. Essa visão também é compartilhada pelo entrevistado representante do varejo.

Sendo assim, questões relacionadas ao tamanho das propriedades produtoras, tamanho do mercado consumidor, tecnologias e custos aplicados na produção, e mudanças de consumo, afetam diretamente os resultados das relações de mercado rural-urbana, necessitando aprofundamento para entendimento e melhor aproveitamento sustentável.

4.5. Relação Formal Corporativa para o Desenvolvimento Rural-Urbano

O processo formal como emissão de notas fiscais para vendas formalizadas ao varejo não se mostrou como dificultador no processo de comercialização, demonstrando ser aspecto positivo. Segundo os entrevistados, todos têm facilidade em relação a ter empresa formal para emissão de notas fiscais de sua produção. O produtor “A” citou que a Prefeitura facilita esse processo, e que o processo burocrático e de gestão são feitos pelo próprio produtor. O produtor “B” enxerga a formalização como uma vantagem competitiva de acesso aos supermercados, não apontando esse processo como ruim e tendo uma visão que o modelo é normal e não se apresenta como um empecilho em seu sistema de comercialização. O produtor “C” citou que os funcionários da prefeitura que emitem os blocos de notas de produtor questionam, em algumas ocasiões, a quantidade de notas fiscais solicitadas, mas que isso não é uma barreira para o sistema formal.

Todos os entrevistados salientam que quase não existe apoio de outras instituições governamentais ou órgãos de fomento, complementando que as organizações governamentais ligadas ao agronegócio estão mais interessadas em negócios de grande porte, como produção de soja, não tendo apoio algum para desenvolvimento do seu negócio. Todos os produtores “A”, “B” e “C”, relatam que a maior parte do desenvolvimento é realizada por vontade própria, por meio de pesquisas na internet e testes empíricos. A experiência empírica de anos na produção e comercialização mostrou-se com forte importância para o entendimento do mercado e ajustes dos processos de gestão.

O processo formal burocrático não se mostrou como um desafio a ser superado na relação urbano-rural, sendo importante o desenvolvimento de pequenos produtores rurais para olharem seus sistemas produtivos e de comércio como uma organização formal de gestão, sendo um pré-requisito para o fornecimento a cadeias de varejo.

4.6. Importância da Integração Rural-Urbana para o Varejo

Na visão do varejista, os produtores locais de FLV têm grande importância na composição da cadeia de abastecimento, fornecendo produtos frescos com entregas praticamente diárias que aumentam a qualidade dos produtos a serem vendidos aos consumidores.

Para o entrevistado “D”, o potencial de aumento de compras locais é bastante grande, destacando que compra aproximadamente 10% do segmento de FLV, mas que a capacidade seria de até 30%, citando vários exemplos de produtos que poderiam ser adquiridos e salientando, ainda, que a rede tem interesse no desenvolvimento de fornecedores por ser uma relação mais estável e com logística de menor custo. Para o entrevistado, a continuidade de abastecimento em longo prazo, mantendo o padrão de qualidade dos produtos, é o grande gargalo para se chegar a esse percentual de participação, destacando que para o desenvolvimento de fornecedores locais é necessário desenvolver uma relação de confiança para a rede varejista, que o abastecimento será contínuo, relatando várias experiências de início de relação que não tiveram continuidade e prejudicaram a oferta de determinados produtos aos clientes.

Para o representante da rede varejista, ainda falta melhor preparo e qualificação profissional dos produtores locais, uma vez que vários tomam atitudes oportunistas, que iniciam o trabalho de fornecimento com qualidade, mas que se desviam do processo padrão com o tempo e atrapalham a reputação dos fornecedores que pretendem trabalhar no abastecimento em longo prazo. Assim, a relação de confiança apareceu como um dos principais fatores para a determinação das decisões de compra de fornecedores locais.

Além da vantagem logística de abastecimento e qualidade dos produtos, o entrevistado destaca que com produtores locais consegue uma estabilidade maior de custos em relação ao fornecimento externo, que estão sujeitos a maiores variações causadas por oferta e demanda de mercado.

O representante da rede varejista complementa, ainda, com uma visão importante, que a renda obtida pelos produtores locais fica em grande parte no local, uma vez que os próprios produtores com os valores obtidos de suas vendas abastecem-se em sua própria região, gerando mais renda e desenvolvimento da sociedade em que trabalham e vivem.

5. CONCLUSÃO

Tendo como objetivo principal contribuir com discussões sobre formas de compreender, as oportunidades e desafios da integração rural-urbana a partir da análise da percepção de produtores de alimentos locais que fornecem para varejos da sua própria região, os impactos da produção e fornecimento destes alimentos, as oportunidades e os desafios em relação ao desenvolvimento local sustentável e a importância da integração rural-urbana, pode-se concluir que os produtores locais têm relevante importância para o varejo, assim como o varejo configura-se como fator de estabilidade para a produção de pequenos produtores que com pouco espaço de produção, mão de obra familiar e pouco investimento, conseguem manter-se de forma digna, sendo a integração importante no desenvolvimento urbano-rural. Assim, a relação entre os produtores locais e o varejo mostrou-se saudável e de equilíbrio, não aparentando oportunismo extremo pelos dois lados, o que pode ser considerado uma forma sustentável de desenvolvimento local.

Na visão dos produtores, a produção local está associada ao tamanho do mercado consumidor, todavia na percepção do varejo existe uma possibilidade de expansão de compra de produtos não fornecidos pelos atuais fornecedores, demonstrando que é necessário o desenvolvimento de relação de confiança para se atingir um nível de abastecimento contínuo.

Concluiu-se, ainda, que existe uma forte relação das mudanças climáticas com o sistema produtivo e de consumo do campo pesquisado, conforme foi possível observar nas falas de todos os entrevistados. As mudanças climáticas são percebidas pelos produtores e influenciam diretamente na produção, na escassez de produtos em determinadas regiões e períodos que influenciam diretamente na oferta, demanda, custos, preços aos consumidores.

Apesar de o abastecimento local ser vantajoso para os varejos com os fornecedores locais, o risco da dependência de fornecedores que muitas vezes estão expostos a problemas produtivos, em sua maioria, climáticos, inibe o aumento desse fluxo com maior constância. Ficou demonstrado pelas falas dos entrevistados que apesar de acreditarem que as inovações possam melhorar o sistema produtivo, não haverá melhora climática.

O apoio governamental aos pequenos produtores locais individuais constatou-se nulo, visto que o desenvolvimento dos produtores está mais relacionado ao processo individual de busca de melhorias do que em apoios institucionais e coletivos.

Para melhoria e comparação dos resultados obtidos nessa pesquisa, sugere-se a aplicação em

outras regiões do país, uma vez que a economia, a renda per capita, o clima e concorrência local mostram-se como limitadores da pesquisa, podendo interferir nos resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramovay, R. (2010). Alimentos versus população: está ressurgindo o fantasma malthusiano? *Ciência e Cultura*, 62, 4, 38-42. Recuperado em 30 junho, 2019, de http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400013

Antoneli, V., & Bednarz, J. A. (2010). Erosão de Solos no Cultivo de Tabaco (Nicotina Tabacum) em uma pequena Propriedade Rural no Município de Irati Paraná. *Caminhos de Geografia*, 11(36).

Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Blowfield, M. (2013). *Business and Sustainability*. Oxford: UK.

Boudet, F., MacDonald, G. K., Robinson, B. E., & Samberg, L. H. (2020). Rural-urban connectivity and agricultural land management across the Global South. *Global Environmental Change*, 60, 101982.

Faver, L. (2009). In J. A. P de Oliveira (Org). *Pequenas Empresas, arranjos produtivos locais e sustentabilidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Flick, U. (2004). Entrevistas Semiestruturadas. In Flick, U. *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (2a. ed.). Porto Alegre: Bookman.

Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). *População*. Recuperado em 22 agosto, 2020, de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/irati/panorama>.

Godoy, A. S. (2010). O estudo de caso qualitativo. In Godoy, C. K., BandeiraDeMello, R. & Silva, A. B (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos* (2a. ed.) São Paulo: Saraiva.

Hillary, R. (2004). Sistemas de gestão ambiental e da empresa menor. *Journal of Cleaner Production*, 12(6), 561-69.

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (2020). *Caderno Estatístico Município de Irati*. Recuperado em 22 agosto, 2020, de <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=84500&btOk=ok>

Ji, X., Ren, J., & Ulgiati, S. (2019). Towards urban-rural sustainable cooperation: Models and policy implication. *Journal of Cleaner Production*, 213, 892-898.

Li, Y., Westlund, H., & Liu, Y. (2019). Why some rural areas decline while some others not: An overview of rural evolution in the world. *Journal of Rural Studies*, 68, 135-143.

Ma, L., Liu, S., Fang, F., Che, X., & Chen, M. (2020). Evaluation of urban-rural difference and integration based on quality of life. *Sustainable Cities and Society*, 54, 101877.

Mapa de Irati-PR (2020). *Google Maps*. Google. <https://www.google.com.br/maps/place/Irati>

Marconi, M. de A., & Lakatos, E. M. (2011). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados* (7a. ed). São Paulo: Atlas

Martins, H. H. T. de S. (2016). *Metodologia qualitativa de pesquisa*. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 289-300. Recuperado em 15 julho, 2019, de <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>

Nunes, T., Rosa, J. S. & Moraes, R. F. (2015). *Sustentabilidade urbana: impactos do desenvolvimento econômico e suas conseqüências sobre o processo de urbanização em países emergentes: textos para as discussões da Rio+20*. I Ministério do Meio Ambiente - MMA. II. Ministério das Cidades. III. ONU – Habitat/Rolac. IV.

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (2019). *FAO framework for the Urban Food Agenda*. Rome. 44 pp.Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IG. Recuperado em 30 junho, 2019, de <http://www.fao.org/3/CA3151EN/ca3151en.pdf>

Panetta, J. C., Nascimento, Silvia P. & Nascimento, M. A. (2018). A produção de alimentos e os desafios da sustentabilidade [versão eletrônica]. *Higiene Alimentar*. Recuperado em 30 junho, 2019, de <https://www.higienealimentar.com.br/wp-content/uploads/2019/04/2018-Mar%C3%A7o-Abril-278-279.pdf>

Ribeiro, H., Jaime, P. C. & Ventura, D. (2017). Alimentação e sustentabilidade. *Estudos Avançados*, 31, 89, 185-198.

Savitz, A. W., & Weber, W. K. (2013). *Talent, Transformation, and the Triple Bottom Line*, San Francisco: Jossey-Bass.

Silva, J. G. da (2019). FAO no Brasil. *Ação urgente em áreas urbanas é chave para alcançar o Fome Zero e dietas saudáveis para todos*. Recuperado em 30 junho, 2020, de <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1184499/>

Ye, C., & Liu, Z. (2020). Rural-urban co-governance: multi-scale practice. *Science Bulletin*, 65(10), 778-780.